

## **DISCUTINDO E INVESTIGANDO AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE SEXUALIDADE HUMANA PARA UM GRUPO DE MULHERES DA CLASSE POPULAR DE BAURU**

– Renata Batisteli de Oliveira, Prof. Ms. Christiane Carrijo, Gorete Eugenie Carvalho, Silvana Guarnieri. – Área: Humanas – Sub-Área: Psicologia – Curso: Psicologia – Departamento de Psicologia – Faculdade de Ciências – Campus Bauru.

Este trabalho teve como objetivo investigar as representações do imaginário de um grupo de mulheres da classe popular feminina de Bauru, acerca do conceito de sexualidade humana, através da realização de oficinas grupais onde se buscou observar as representações do imaginário popular para compreender a concepção criada em relação à sexualidade. Assim, espera-se contribuir para uma melhor compreensão da sexualidade feminina, elucidando as relações e representações da mulher sobre o seu próprio desejo, pois embora existam muitas pesquisas teóricas sobre esse assunto ainda há uma grande carência de pesquisas aplicadas que façam uma leitura do discurso feminino da classe popular a partir do viés psicanalítico.

A sexualidade humana, na teoria psicanalítica, é tida como ponto central a partir do qual a personalidade se estrutura e o conceito de sexualidade não se restringe à relação sexual genital. Freud nos traz que ela deve ser compreendida como a busca do desejo; envolve o desejar, o satisfazer e o movimento do sujeito em direção, por e para o desejo. Esse movimento acontece de diferentes formas; ao longo da vida a energia sexual é investida em diversos objetos, ora esse objeto pode ser o próprio corpo (como nas fases pré-genitais), ora pode ser o corpo do outro ou mesmo a cultura, arte, etc.

Na espécie humana a mulher se diferencia do homem de uma maneira para além de suas diferenças físicas. O que é ser homem e o que é ser mulher é elaborado pela leitura de um corpo marcado pelo sexo, corpo este não apenas determinado geneticamente, mas, também pelas crenças sociais, pela educação e pelas fantasias pertencentes à cultura e ao indivíduo. A mulher se desenvolve pela marca daquilo que lhe falta – o falo, representado pela virilidade, potência e racionalidade masculina. A menina, quando pequena, pergunta a respeito do pênis masculino: “o que é?”; “por que eu não tenho?” A resposta costuma ser a de que ela não tem o pênis porque é menina e só os meninos o possuem, contudo, nossa cultura não se encarrega de falar para a menina que ela também possui um órgão sexual, a vagina e um aparelho reprodutor capaz de gerar a vida. A função simbólica da linguagem que seria a de nomear e significar o órgão sexual da menina é substituída pela falta, falta da palavra; fica no espaço lingüístico um não-dito e com ele a fantasia feminina de que ela não tem um pênis e de que parece existir em seu corpo um buraco. A ela, mulher, caberia, então, a falta, a ausência e desta ausência se originam fantasias e algumas delas transmitidas pelo espaço sócio-cultural. Quando presa dentro do papel feminino que a sociedade lhe impõe, a mulher vivencia sua sexualidade de maneira fragmentada, sua imagem corporal é disforme e não consegue exercer a sua capacidade plena de prazer.

Embora as mudanças sociais ocorridas ao longo do século XIX tenham permitido à mulher uma maior liberdade de atuação e o papel feminino na sociedade tenha se ampliado, há na sociedade contemporânea um desvelamento superficial do sexual que contribui para a manutenção de preconceitos e dogmas sobre uma outra roupagem. A mulher continua lutando para conseguir superar preconceitos e tentar construir uma sexualidade mais prazerosa, isto conscientemente, contudo, continuamos assistindo muitas histórias de mulheres cuja sexualidade é quase a mesma relatada por Freud com suas pacientes do início do século XIX. Parece que a grande questão é lutar com as fantasias inconscientes que habitam o imaginário feminino e que perpassam a consciência e a ação das mulheres que, sem perceber, caem em contradição nas suas atitudes ou em seus pensamentos.

A execução da pesquisa proposta necessitava para atendimento da demanda da constituição de um espaço grupal. A possibilidade de trabalhar com grupos surge já que, segundo Costa (1989),

em grupo, as pessoas da classe popular se sentem mais à vontade para fazerem suas colocações, demonstram-se menos intimidadas com a figura do terapeuta e apresentam maior facilidade para interagir, já que estão acompanhadas por outros pares na experiência. Nesse sentido, o grupo os leva ao enfrentamento da realidade, respeitando, porém, suas particularidades sócio-culturais postas.

Existem diferenças no estilo da comunicação ao se trabalhar com grupos; a interação não-diretiva, que é bastante utilizada na relação dual que ocorre na clínica psicanalítica, é substituída pela atividade discursiva. Tal situação aparece principalmente nas intervenções com classes populares, onde os sujeitos demonstram ter o costume de opinar de forma imperativa, através de prescrições claras e definidas, expressando na fala seus valores pessoais. No entanto, essas falas não são classificadas dentro do grupo como inoportunas, impertinentes ou inadequadas por seus pares e a expressão livre não impede que outro participante do grupo fale e revele conflitos, pois associa suas vivências com as dos outros sujeitos, permitindo a emergência de conteúdos relevantes para a reflexão e análise. Apesar de não ser o método habitual e comumente utilizado pela psicanálise, que teve como pilar inicial um método de atuação baseado no uso do discurso interrogativo e na relação dual psicoterapeuta-paciente, a atuação no grupo através de um discurso livre também permite o acesso às representações do sujeito analisando/participante.

Nessa pesquisa, contamos com a participação de onze mulheres de 23 a 54 anos, todas com filhos, moradoras de um bairro da periferia de Bauru, o Parque Santa Cândida.

Foram realizadas oito oficinas de duas horas de duração cada, com os seguintes temas: conceito de sexualidade, diferenças físicas entre os gêneros, diferenças comportamentais entre os gêneros, apresentação do filme “Garotas do Calendário”, discussão do filme com foco no significado de ser mulher para cada uma das participantes, educação sexual e papel de mãe, noções de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), métodos anticoncepcionais e planejamento familiar, conceito de sexualidade após a participação nas oficinas. Durante as oficinas as falas das participantes foram gravadas e posteriormente transcritas.

A partir das falas transcritas foi realizada a análise de conteúdo de acordo com o método de Bardin (1977). Para a realização deste trabalho utilizou-se a análise de categorias temáticas qualitativas, uma das técnicas contidas dentro da análise de conteúdo, que visa à construção de categorias em torno de uma temática pré-determinada, de acordo com representatividade destas diante do contexto.

Bardin (1977) propõe três fases para a análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados (com a inferência e interpretação).

Durante a pré-análise foram feitas, de forma aberta, a operacionalização e sistematização do texto oriundo da transcrição das falas, tendo em vista o tema proposto para essa pesquisa. Através da leitura flutuante foram elaborados os indicadores que fundamentam a interpretação, criando-se assim a categoria conceito de sexualidade e as sub-categorias: conhecimento do corpo humano, papel feminino e pressões sociais, noções de saúde, relação com o sexo oposto, educação dos filhos e busca de prazer.

O tratamento dos resultados consistiu em uma codificação, transformando, através da categoria e sub-categorias, os dados brutos coletados do texto em uma representação do conteúdo não explícito do discurso das participantes.

Para a categoria conceito de sexualidade separamos dois momentos durante as discussões, a primeira reunião e a última, para que pudessemos comparar os dados e avaliar o trabalho realizado. No primeiro momento, a fala mais comum das participantes quando perguntadas sobre o que era sexualidade foi: *"é o quando a gente faz aquelas coisas, não é?"*; e *"é sexualidade, é sexo"*. As participantes concordavam que sexualidade é o ato sexual, até que uma delas acrescentou que *"sexualidade também é carinho, tem que ter amor"*. Na sequência, foi perguntado como elas obtinham prazer e foram relatados como prazerosos, principalmente, o ato sexual, reconhecimento e carinho do companheiro, boa relação familiar e cuidados com o corpo relacionados à estética. Como sequência dessa atividade elas relataram a questão financeira como sendo o maior empecilho para a obtenção de prazer através das situações relatadas.

Embora nesta primeira reunião, após as discussões, o conceito de sexualidade fosse relacionado a sentimentos e outras atitudes que não estivessem diretamente ligadas ao ato sexual, nas reuniões seguintes as participantes demonstraram que esta relação não emergia no discurso do grupo de maneira espontânea.

Na oficina em que foi trabalhado o tema "diferenças físicas entre gêneros", as participantes demonstraram conhecer muito pouco de seu próprio corpo e do corpo masculino. Em um exercício de dinâmica foi solicitado que fizessem em argila o órgãos genitais masculino e feminino; de maneira geral as esculturas revelavam um pênis ereto, em média com mais de 14 cm, já a vagina (que as participantes levaram mais tempo para fazer) aparece com poucas formas, algumas apenas demonstravam os pequenos lábios e nenhuma delas apresentava a uretra. Quando apresentamos slides com todas as partes da vagina e explicamos a funcionalidade de cada uma, a maioria delas demonstrou-se surpresa e algumas relataram que nunca haviam se olhado; neste momento uma das falas interessantes foi: *"eu nunca me olhei né, porque homem faz aquelas coisas (masturbação), mulher não."*

Este distanciamento do próprio corpo ainda apareceu em outros momentos, principalmente na oficina sobre DSTs, métodos contraceptivos e planejamento familiar; nas quais as participantes relataram que o companheiro não utilizava preservativo e que elas não compreendiam a maioria das campanhas governamentais. Uma das falas foi: *"tenho vergonha de ir no médico (ginecologista), ele fica dizendo se não tem televisão em casa porque a gente só faz filho (...) não pergunto nada, não sabia tomar a pílula, por isso engravidei a última vez; queria fazer a cirurgia (laqueadura) depois do segundo filho (23 anos), mas só consegui depois do quarto"*. No término da oficina as participantes levaram camisinhas e demonstraram interesse em conversar com o parceiro e filhos sobre contraceptivos e prevenção de DSTs.

Nas reuniões em que o tema estava relacionado ao comportamento, pôde-se perceber na fala das participantes um discurso carregado de pré-conceitos a respeito dos direitos e papéis do homem e da mulher. Reclamaram de serem taxadas socialmente ao se "comportarem mal" e de terem que trabalhar e cuidar da casa mesmo sem serem reconhecidas. Entretanto, ao serem questionadas sobre outras maneiras de se comportarem diante dessas situações, elas até elaboravam outras formas de agir, no entanto não consideravam possíveis de aplicar no ambiente em que vivem.

Na última reunião foi retomado o que elas entendiam como sendo sexualidade, após a participação nas oficinas, e foi relatado então que não era apenas o ato sexual, que as oficinas as fizeram pensar acerca de suas atitudes, que tentaram mudanças no modo de agir; o que pode ser exemplificado em falas como: *"antes achava que era só sexo, agora é mais... o convívio com a família... agora é mais..."*, *"antes guardava mágoa, agora tento conversar... e isso tá ligado à sexualidade"*.

No estudo apresentado, o instrumento que a análise de conteúdo utiliza tangenciou o método psicanalítico permitindo que o discurso fosse analisado para além da sua superficialidade, pela leitura flutuante que buscou captar o que há de mais importante no discurso e a significação por trás das palavras expressas, funcionando como a atenção uniformemente flutuante da atuação do terapeuta psicanalista.

Através da interpretação da categoria e sub-categorias pôde-se perceber por trás do discurso a vivência de uma sexualidade fragmentada, primeiramente focada no ato sexual genital e mais especificamente, na penetração. Isso pode indicar uma fixação na fase fálica, o que é demonstrado também nas esculturas em argila do órgão sexual masculino, mostrando uma supervalorização do órgão genital masculino em comparação com o órgão genital feminino, que se mostra como inferior, pois foi modelado com poucos detalhes e dificuldades e porque foi dito pelas mulheres que elas não olhavam para ele.

Analisando o discurso apresentado e somando-se a representação acerca dos órgãos genitais humanos demonstrados nas esculturas verifica-se que essa representação do pênis é fantasiosa, demonstrando uma atribuição de poder fálico ao homem e suas características, enquanto à mulher cabe o papel de receptáculo desse falo e ser subjugada ao poder dele. Assim na mulher adulta há o

resquício da menina que não tem o pênis, nela resta apenas o não-dito, um buraco sem representação e sem funcionalidade com relação ao prazer.

Essa desvalorização do órgão feminino também está representada em seu papel social. Na análise do discurso das participantes - embora seu relato consciente seja de desconforto em relação ao machismo apresentado pelos seus parceiros e pelo ambiente social em que vivem e por elas mesmas que também expressam julgamentos machistas com relação a mulheres que se “comportam mal” - a mulher surge num papel submisso e dependente do homem.

Também nota-se um desvinculamento da sexualidade com os cuidados com o próprio corpo, o desconhecimento quase total sobre o aparelho reprodutor e métodos contraceptivos, apesar de afirmarem já terem recebido diversas informações de variadas fontes sobre tais temas, indicando assim que as campanhas governamentais não atingem seus objetivos, pois como não trabalham com os dogmas e crenças populares, não modificam as representações femininas a respeito da sexualidade, sendo somente informativas e não formativas, de forma que não ocorre uma vinculação entre as informações e as vivências do imaginário feminino.

A pesquisa apresentada conseguiu com sucesso efetivar os objetivos propostos e realizar uma intervenção psicoterapêutica breve de orientação psicanalítica para um grupo de mulheres de classe popular, experimentando e exercitando a análise para além da clínica psicanalítica convencional, procurando criar estratégias de atuação que possibilitem o acesso de classes populares a um trabalho de orientação psicanalítica de qualidade. A carência de pesquisas qualitativas sobre sexualidade e gênero e de trabalhos psicoterapêuticos voltados para a saúde mental da classe popular marcam a importância desse estudo-intervenção e indicam a necessidade de mais trabalhos e atuações neste campo de pesquisa.

#### Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CHAUÍ, M. *Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- COSTA, J. F. *Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapia*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- FORRESTER, J. *Seduções da Psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Campinas: Papirus, 1990.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade* (Vol. I, II e III). Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1ª Edição, 1972 (Originalmente publicado em 1905).
- FREUD, S. *Estudos sobre a Histeria*. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago, 1ª Edição, 1972 (Originalmente publicado em 1905).
- GRANT, Walkiria Helena. A mascarada e a feminilidade. *Psicol. USP.*, São Paulo, v. 9, n.2, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641998000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641998000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 Out 2006. doi: 10.1590/S0103-65641998000200010.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.